

O ANTROPOCENO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO PNLD 2026

Douglas Matheus da Silva¹

Palabras-chave: Antropoceno, Ensino de Geografia, Livro Didático, PNLD, Educação Geográfica.

INTRODUÇÃO

O conceito de Antropoceno, popularizado por Crutzen (2002), consolidou-se como uma categoria central para a compreensão das transformações ambientais globais decorrentes da ação humana, ultrapassando as ciências da Terra e adentrando os debates das ciências sociais e humanas. Sua rápida difusão, no entanto, não ocorreu sem controvérsias, que vão desde seu estatuto geológico – com a não aprovação de sua formalização como época pela União Internacional de Ciências Geológicas (IUGS) em 2024 – até suas implicações políticas, com a emergência de conceitos alternativos como Capitaloceno e Plantatioceno (Haraway, 2015; Moore, 2022).

A forma como esse debate chega à escola é mediada, em grande medida, pelo livro didático, um artefato cultural e pedagógico que seleciona, organiza e legitima determinados conhecimentos (Bittencourt, 2008). No contexto brasileiro, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é o principal instrumento de distribuição desses materiais, tornando-os centrais para a formação de milhões de estudantes. Apesar da relevância do tema, são escassos os estudos que investigam como o Antropoceno é apresentado nos livros didáticos de Geografia.

Diante dessa lacuna, este trabalho tem como objetivo central analisar a presença e as formas de abordagem do conceito de Antropoceno nos livros didáticos de Geografia aprovados pelo PNLD 2026 para o Ensino Médio. Busca-se, especificamente, identificar em quais coleções o termo aparece; como é definido; quais agentes são associados às

¹ Mestrando em Geografia, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, douglasmatheus22@gmail.com.

transformações ambientais; quais controvérsias são mobilizadas; e quais perspectivas interpretativas são privilegiadas ou silenciadas. A relevância desta pesquisa para o IV EIPOS reside em sua contribuição para o debate sobre a educação climática crítica, um tema de crescente urgência, e para a reflexão sobre o papel do livro didático na formação de um pensamento geográfico capaz de interpretar as complexas relações entre sociedade e natureza na contemporaneidade.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo de natureza documental, fundamentado na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). O *corpus* da investigação foi constituído pelas sete coleções de Geografia aprovadas pelo PNLD 2026 para o Ensino Médio, garantindo a representatividade total do universo de livros distribuídos às escolas públicas brasileiras: L1 (Do seu Jeito - Geografia, Ática), L2 (Estudos e Debates em Geografia, Folia de Letras), L3 (Geografia por Toda Parte, FTD), L4 (Geografia - Espaço e Identidade, Do Brasil), L5 (Moderna Plus - Geografia, Moderna), L6 (Moderna Superação! - Geografia, Moderna) e L7 (Ser Protagonista - Geografia, SM).

A coleta de dados consistiu na leitura integral do conteúdo principal das obras e na identificação de ocorrências explícitas do termo "Antropoceno". Foram excluídos boxes, atividades e outros elementos periféricos, assegurando maior objetividade. Os trechos identificados foram examinados a partir de categorias construídas com base na literatura especializada e refinadas durante a análise: presença/ausência do conceito; definições; agentes associados às transformações; controvérsias mobilizadas; soluções propostas; e referências a temas como justiça climática e interpretações alternativas.

A análise fundamentou-se no conceito de recontextualização do conhecimento de Bernstein (1996), que descreve como os saberes científicos são transformados ao serem incorporados aos currículos e materiais didáticos, envolvendo escolhas políticas e epistemológicas. Articulou-se, ainda, com discussões do campo do ensino de Geografia, como a importância do pensamento espacial crítico (Cavalcanti, 2012) e da compreensão das relações sociedade-natureza (Pontuschka, Paganelli e Cacete, 2009).

RESULTADOS, AVANÇOS E REFLEXÕES

A análise revelou que o conceito de Antropoceno está presente em cinco das sete coleções (71,4%), estando ausente em L3 e L7. Tal ausência sugere que uma parcela significativa dos materiais que chegarão às escolas opta por discutir as transformações ambientais sem mobilizar explicitamente esse conceito-chave, o que, como argumentam De Nazaré e Rocha (2024), pode limitar a compreensão crítica dos estudantes.

As cinco coleções que mencionam o termo foram agrupadas em três padrões de abordagem:

- **Grupo A (L1, L5, L6): Ênfase no debate geológico e na controvérsia estratigráfica.** Este é o padrão mais comum, dedicando espaço significativo à discussão sobre a formalização do Antropoceno pela IUGS e a decisão de 2024. As coleções citam posições de geólogos como Erle Ellis e Mike Walker, e detalham as dificuldades em se definir um marco inicial para a nova época.
- **Grupo B (L2): Tom alarmista e denúncia ambiental.** Esta coleção define o Antropoceno como uma "época da dominação humana" e adota um discurso catastrófico, falando em "espiral da morte" e "provável catástrofe ecológica", sem aprofundar as causas estruturais.
- **Grupo C (L4): Enfoque materialista e descritivo.** A coleção ancora a definição na presença de "tecnofósseis" (plástico, concreto) como marcas da ação humana, conectando o conceito à geologia de forma concreta, mas sem aprofundar as controvérsias ou causas sociais.

Padrões comuns e omissões significativas:

- **Agentes homogeneizados:** Em todas as coleções, a responsabilidade pela crise é atribuída a agentes genéricos como "humanidade", "ser humano" ou "sociedades humanas". Não há distinção de responsabilidades históricas entre países, classes sociais ou modelos de desenvolvimento, o que, conforme Malm (2018), obscurece interpretações que enfatizam desigualdades estruturais.
- **Ausência de perspectivas críticas alternativas:** Embora o debate geológico seja detalhado, nenhuma coleção menciona as críticas políticas e sociais ao conceito, como o Capitaloceno (Moore, 2022) ou o Plantatioceno (Haraway, 2015). A referência à "expansão desigual" das transformações é usada apenas como um obstáculo geológico, e não como evidência de assimetrias de poder.

- **Soluções vagas ou inexistentes:** As soluções propostas são extremamente genéricas, como "agir de acordo" ou "travarmos a crise", sem discutir propostas de transformação socioeconômica. Essa abordagem, como observa Wright (2010), limita a capacidade dos estudantes de vislumbrar alternativas reais ao modelo dominante.

Esses resultados indicam que o processo de recontextualização (Bernstein, 1996) privilegia uma "controvérsia segura" (a geológica) em detrimento das controvérsias políticas e sociais que questionam o *status quo*. Essa seletividade restringe a diversidade de perspectivas disponíveis aos estudantes, podendo limitar a construção de um pensamento geográfico crítico, pois descontextualiza a crise ambiental e invisibiliza suas causas estruturais, como o colonialismo e as desigualdades globais (Porto-Gonçalves, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROJEÇÕES

Conclui-se que os livros didáticos de Geografia do PNLD 2026 incorporam o Antropoceno como categoria relevante, mas o fazem de maneira limitada. A abordagem predominante é antropocêntrica, generalizante e centrada na dimensão geológica do debate, suprimindo discussões cruciais sobre justiça climática, responsabilidades históricas diferenciadas e interpretações alternativas do conceito. A ausência dessas perspectivas reduz o potencial do ensino de Geografia para formar cidadãos capazes de compreender a complexidade da crise ambiental e de atuar sobre suas causas estruturais.

Este estudo, ao analisar um ciclo específico do PNLD e restringir-se ao texto principal das obras, apresenta limitações que abrem caminho para pesquisas futuras. Recomenda-se a investigação da prática docente em sala de aula, a compreensão dos estudantes sobre o tema, e a comparação com edições anteriores do PNLD ou com materiais de outros países.

No contexto do IV EIPOS, este trabalho projeta-se como uma contribuição para a melhoria dos materiais didáticos e para o debate sobre uma educação climática crítica. As reflexões apresentadas sugerem que futuras edições do PNLD e os currículos de Geografia devem ampliar a diversidade de perspectivas sobre o Antropoceno, incluindo vozes críticas do Sul global; incorporar debates como o Capitaloceno e a justiça climática; propor atividades que investiguem responsabilidades históricas diferenciadas; e

discutir diferentes estratégias de enfrentamento da crise, contemplando suas dimensões sociais, econômicas e políticas. Espera-se que este trabalho fomente a reflexão sobre o papel do livro didático na formação de uma cidadania global crítica e engajada com os desafios ambientais do nosso tempo.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BERNSTEIN, B. **A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- CAVALCANTI, L. S. **O Ensino de Geografia na Escola**. Campinas: Papirus, 2012.
- CRUTZEN, P. J. Geology of mankind. **Nature**, v. 415, p. 23, 2002.
- HARAWAY, D. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making kin. **Environmental Humanities**, v. 6, n. 1, p. 159-165, 2015.
- MALM, A. **The Progress of this Storm: Nature and Society in a Warming World**. London; New York: Verso, 2018.
- MOORE, J. W. **Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo**. São Paulo: Editora Elefante, 2022.
- DE NAZARÉ, W. M. L.; ROCHA, G. A. Mobilização da temática "Antropoceno" na educação geográfica: aproximações teóricas. **MOBILIZAÇÃO DA TEMÁTICA "ANTROPOCENO" NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS**, 2024.
- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. **A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- WRIGHT, E. O. **Envisioning real utopias**. London: Verso, 2010.